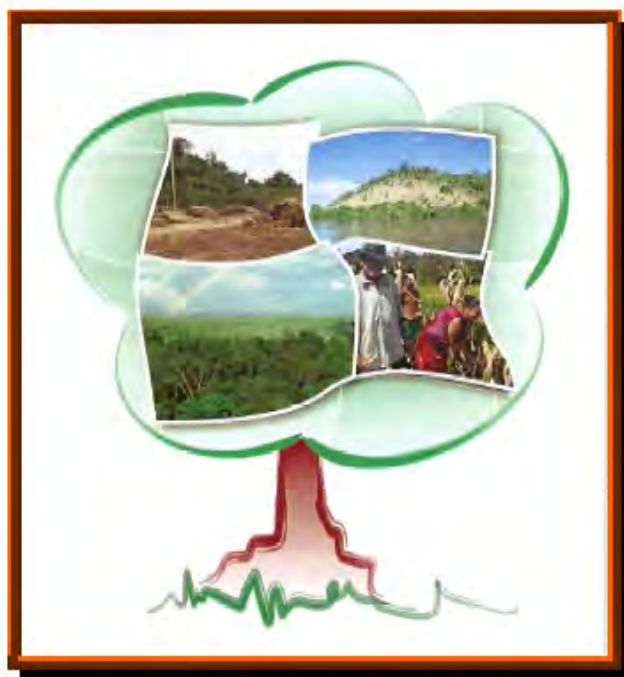


Fearnside, P.M. 2009. Biomassa e carbono: Incertezas metodológicas para o mecanismo REDD. pp 28-34. In: *RELATÓRIO DO SEMINÁRIO: Perspectivas e Potencial do Mecanismo de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação (REDD) no Estado do Pará*. IDESP, MPEG & SEMA, Belém, Pará. http://www.museu-goeldi.br/Relatorio%20Seminario%20REDD_final.pdf



RELATÓRIO DO SEMINÁRIO:

Perspectivas e Potencial do Mecanismo de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação (REDD) no Estado do Pará



23 de março de 2009
Belém – PA



ALAMEDA ANTÔNIO MARQUES CASA 63
BELEM | PARÁ | BRASIL
66023 690
(91) 9942 5702
(91) 3086 1717
IAECY CONSULTORIA@GMAIL.COM
CNPJ: 07.458.107/0001 - 27

7.1 Palestra 5: Philip M. Fearnside - Inpa

Biomassa e carbono: Incertezas metodológicas para o mecanismo REDD

Philip Fearnside inicia sua palestra apresentando as discussões referentes ao cálculo de biomassa e densidade das madeiras na Amazônia Central.

Em seguida, demonstrou a metodologia de cálculo e mostrou alguns resultados para alguns tipos de florestas que ocorrem na Amazônia. Logo após, fez uma comparação entre os dados do Projeto Radam Brasil que correspondem à floresta original e os dados atuais com perda de áreas de florestas e cerrados.

Fez comparações entre os estados de Rondônia e Mato Grosso no que se refere à perda de biomassa, perda líquida de carbono e emissão de gases do efeito estufa.

Apresentou também os dados do Plano Nacional sobre a Mudança do Clima, mencionou que o cálculo de biomassa abaixo do solo (raízes) é complexo.

Em seguida, apresentou as estimativas de conservação do carbono no entorno da BR-319 e da diminuição das emissões de gases do efeito estufa associadas à redução do desmatamento referentes ao Projeto JUMA.

R – Phillip Fearnside - Inpa

“Em termos de previsão, sobre quais vão ser as políticas públicas de previsão do futuro, existem vários estudos que fazem um cenário de governança imaginando que todo mundo vai obedecer o código florestal. Muitas vezes, isso acaba mostrando uma maravilha, pouco provável de acontecer na prática.

A polêmica sobre a BR-319, onde o EIA/RIMA (Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impactos ao Meio Ambiente) foi apresentado ao Ibama na semana retrasada e está em discussão pública, sendo que as audiências estão previstas para daqui



a uns 15 dias, em abril. O que tem descrito nele é um cenário com forte governança ambiental onde o EIA/RIMA conclui que todos os índices são positivos, tais como a relação custo-benefício. Lá, ele cita como exemplo o Parque Nacional de Yellowstone, nos Estados Unidos, onde aparece o mapa com estradas dentro do parque e ninguém desmata nada por lá.

Para mim, é muito forte esse exemplo porque acontece que, anos antes de vir para o Brasil, eu era funcionário do Serviço de Parques Nacionais nos Estados Unidos, em um parque vizinho a Yellowstone. Eu conheço muito bem aquela realidade e, realmente, é outro mundo entre o que temos lá e o que tem na Rodovia BR-319, num cenário com grileiros, posseiros e todo aquele cenário amazônico.

Imaginar que a BR-319 vai evoluir para ser o que se tem no Parque de Yellowstone, com cenário de forte governança ambiental, realmente é ficção. Simplesmente não vai ter mais floresta, pode até acontecer o cenário de forte governança, mas certamente a floresta vai sumir neste meio tempo.

Então, é muito importante manter a discussão dentro da realidade, realmente não existe esse grande salto para não ter mais esse processo de desmatamento que temos hoje na Amazônia. É necessário considerar isso como um dos impactos que causam, sim, o desmatamento e invasões. Todos esses problemas são reais na Amazônia, então temos que contar com todos esses fatores”.

R – Phillip Fearnside - Inpa

“Deixe-me só fazer uma consideração sobre esta questão, que é essencial. Essa linha de base é supostamente o que ia acontecer sem o seu projeto de REDD. O desmatamento iria continuar e então como é que se faz essa projeção?”

Uma possibilidade de extrapolar a sequência histórica, onde se tem várias imagens de satélite, que mostram como cresceu o desmatamento num determinado lugar. Daí é imaginar que continua nesse ritmo para o futuro. Você tem a vantagem de que é mais difícil de deturpar os números, de esconder dentro de uma simulação complicada coisas que vão dar resultados e que geram mais créditos que não são reais.

Mas, ao mesmo tempo, eles só funcionam com certos tipos de situação, como em um lugar onde vem acontecendo o desmatamento por algum tempo e que tem ainda bastante floresta para desmatar. Agora, quando a floresta está acabando, aí o desmatamento vai diminuindo até o zero e, quando chega à última árvore, a taxa de desmatamento é zero, e não é por causa do seu projeto de REDD.

Então, se usou esta extrapolação do passado, se está criando o que é chamado de 'ar quente', crédito que realmente não tem benefício climático. Esse seria um lugar como o Mato Grosso, que está acabando a floresta. Você usa a sequência do passado, com o desmatamento vai gerar esse tipo de 'ar quente'.

Agora outra situação é onde quase não tinha desmatamento no passado. É o exemplo que nos temos hoje em muitos lugares no Amazonas. Em Juma, um lugar com pouquíssimo desmatamento, não tem como reduzir o desmatamento porque não estavam desmatando mesmo. Então, não se tem como ganhar nenhum crédito, baseado na sequência do passado, mesmo que tenha possibilidade real do desmatamento do futuro explodir construindo estradas etc. Então, temos que ter alguma maneira para modelar o desmatamento nesse tipo de situação, que não seja simplesmente uma extrapolação da quantidade no passado que vai representar os processos, quantas pessoas entram, por exemplo.

Isso é o que nós estamos tentando fazer, mas é muito importante que seja transparente porque, obviamente, tem muitos interesses em jogo, de maneira que as pessoas queiram aumentar a quantidade dos créditos que são mostrados pelo sistema.

31



Mas temos que reconhecer que são três tipos diferentes de situação, dependendo de qual é o estágio do desmatamento. E, para se fazer o básico, esse é um debate que ainda não está resolvido nas negociações sobre REDD”.

R – Phillip Fearnside - Inpa

“Em termos de pesquisa, é possível montar uma agenda de quais são as prioridades e, a partir delas, medir melhor a biomassa para certos tipos de florestas que são mais sujeitas a certos tipos de desmatamentos e que tem mais áreas e menos dados, ou seja, otimizar o trabalho para reduzir as incertezas.

Em termos da tomada de decisão, é importante pensar sobre qual é o lugar da incerteza. Esse debate é usado muitas vezes para se descartar os estudos e para se dizer que tudo é uma controvérsia científica e tudo é muito incerto.

Então, não vamos tocar em florestas tropicais e vamos fazer cata-ventos e outras coisas para combater o efeito estufa e, assim, os trabalhos com florestas ficam de lado para mais cinco anos de pesquisa, algo assim. E se fizerem isso, é uma loucura. Pois a floresta tropical irá desaparecer, porque cinco anos é muito tempo. Esse é o mesmo tipo de argumento que o presidente Bush usava, dizendo que o efeito estufa é uma grande controvérsia, muito incerto, então não dá pra fazer nada agora e, com o discurso, ficar adiando as providências. Por isso, é muito importante que não seja seguido este caminho.

Outra coisa importante pra lembrar, é que além de se ter a incerteza se tem também um prêmio igual a um jogo de azar. Por exemplo, como se faz num jogo de loteria esportiva, um jogo de *pôquer* ou outro qualquer: há uma certa probabilidade de ganhar e depende de qual é o tamanho do prêmio. Às vezes, essa probabilidade e a incerteza é uma coisa que interferirá no cálculo, mas o tamanho do prêmio é muito importante para você decidir o que fazer - e não só a incerteza.

E, nesse caso, o tamanho do prêmio é enorme. Por exemplo, a floresta amazônica tem um estoque de mais de 100 bilhões de toneladas de carbono em todos os países amazônicos. É uma coisa muito grande, isso quer dizer que se realmente der certo esse negócio de REDD para controle de desmatamento, a história é mudada aqui. O prêmio é muito grande. Então temos de enfrentar essa incerteza, arriscar e fazer acontecer, por isso é muito importante assimilar essa questão”.

P – Ana Lúcia Augusto – Ministério Público

“Considerando a complexidade do problema para estabelecer a linha de base e que, sobre esta linha de base, será tomada uma decisão política, a minha pergunta é dirigida à questão técnica: caberia também a aplicação de um modelo matemático para tentar modular a questão? E, a partir de um duplo tratamento, onde se compararia os resultados no final, poderia se optar por aquele mais plausível para a situação. E, neste caso, sendo positiva a resposta, por que você optou pelo tratamento estatístico?”.

R – Carlos Souza - Imazon

“Essa é uma abordagem plausível. A nossa escolha pelo método estatístico é para poder estimar esses envelopes de incerteza. Assim, usa-se uma simulação multifatorial. E, no caso dos mapas de biomassa também, isso vai permitir se fazer esse cálculo que é



especialmente explícito e, neste caso, eu mostrei esse histórico usando só os dados tabulados do Prodes, mas também se vai fazer especialmente.

Essa foi a nossa abordagem e o que esperamos é poder ver qual o peso de cada uma dessas variáveis que entram no modelo. A modelagem matemática pode ajudar também no trabalho, mas o forte do nosso grupo de trabalho é a estatística.

No final, o método é rigoroso e sabemos que estamos lidando com um processo de incerteza e, para esse caso, o método estatístico é mais robusto pra lidar com tais incertezas”.

R – Phillip Fearnside - Inpa

“Deixa só eu mencionar que isso é verdade e é importante o que já é feito na área aberta. Mas, também temos que estabelecer prioridades para investimentos a fim de conter o efeito estufa. Recuperar uma área de um hectare de pastagem degradada é muito mais caro que evitar o desmatamento de vários hectares de floresta em pé e ainda tem muito mais carbono na floresta do que vai crescer na área de pastagem degradada, que vai ser recuperada.

Assim, em termos de investimento por tonelada de carbono que acaba não sendo emitido para a atmosfera, é muito mais negócio evitar o desmatamento diretamente do que tentar recuperar áreas de pastagem degradadas. É importante lembrar isso na hora de dividir o bolo porque a quantidade de dinheiro para o combate do efeito estufa é limitado, o que tirar de um não vai para o outro, então se deve manter isso em perspectiva”.